



<b>Evento</b>	Salão UFRGS 2020: SIC - XXXII SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
<b>Ano</b>	2020
<b>Local</b>	Virtual
<b>Título</b>	Sou pecador... e os outros?": masculinidades, produção de si e alteridade na narrativa autobiográfica de Doca Street"
<b>Autor</b>	LAURA DE OLIVEIRA MOTTA
<b>Orientador</b>	NATALIA PIETRA MENDEZ

## "Sou pecador... e os outros?": masculinidades, produção de si e alteridade na autobiografia de Doca Street

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Autora: Laura de Oliveira Motta

Orientadora: Natalia Pietra Méndez

Autor do crime de feminicídio contra sua companheira Ângela Diniz, Doca Street adota, nos anos seguintes ao ocorrido, uma postura bastante reservada e silenciosa, decidindo deliberadamente não falar publicamente sobre o caso e evitar a imprensa. O silêncio de Doca sobre o crime que aconteceu em dezembro de 1976 só é rompido trinta anos mais tarde quando, em 2006, decide publicar uma narrativa autobiográfica intitulada *Mea Culpa*. Aqui, proponho uma reflexão acerca da masculinidade enquanto performatividade (Butler, 1990) em *Mea Culpa*, evocando a ideia de identificação adquirida (Ricoeur, 1990) a fim de entender como Doca mobiliza crenças – inevitavelmente históricas – sobre gênero para produzir e sustentar sua ficção identitária inaugurada na narração. Para tanto, três conceitos são fundamentais: performatividade (BUTLER, 1990); identificação adquirida (RICOEUR, 1990) e ilusão biográfica (BOURDIEU, 1996). Uma vez que os caminhos teóricos apontam para uma produção de si intrinsecamente atravessada pela alteridade, a análise do discurso autobiográfico de Doca justifica-se pela dimensão coletiva que a análise de uma identidade individual pode revelar. Se, como sugere Butler (1990), a masculinidade é um fazer adquirido – e, logo, instável e em constante disputa –, então é possível imaginar coletivamente outras formas de fazê-la que não produzam resultados violentos e opressivos. Metodologicamente, a investigação divide-se em duas grandes fases: a) seleção e leitura de bibliografia sobre o tema das masculinidades e das biografias e b) leitura e análise do relato autobiográfico. Para a análise do relato adota-se a perspectiva analítica de Michel Foucault (1971), que nos permite pensar o discurso enquanto prática social atravessada pelo poder. Colocadas em diálogo, essas ideias nos aproximam dos objetivos aqui definidos ao permitirem que a narrativa autobiográfica seja entendida como uma invenção de si historicamente engendrada e atravessada não somente pela alteridade mas também pelo gênero enquanto um poder e um fazer.